

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Tempestades, Cheias e o Mito do Comando Único: Portugal entre Rios e Cadeias de Poder

Publicado em 2026-02-06 11:37:23



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

hidráulica, infra-estruturas e decisão municipal.

- **Comando operacional** no terreno existe; mas quando entram militares, há **articulação** — não subordinação.
- **Rios** são sistemas: Tejo, Douro, Mondego, Zêzere, Sado, Lis e Guadiana/Alqueva arrastam consigo barragens, descargas, margens e cidades.
- **O cidadão** vê sirenes, árvores no chão e falta de luz; não vê organigramas — e aí nasce a sensação de caos.
- **O problema** é estrutural: muitas cadeias legítimas a tentar encaixar em tempo real.

Tempestades, Cheias e o Mito do Comando Único

Excerto

Quando o vento derruba árvores e o rio cresce como uma ameaça antiga, a pergunta reaparece: “Quem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

país inteiro a acontecer ao mesmo tempo

Um incêndio tem um foco. Uma tempestade tem mil. Uma cheia tem centenas de margens e dezenas de pontos de ruptura. E quando a Kristin — e as depressões que se seguiram — passou por Portugal, trouxe o tipo de caos que não cabe num único “teatro de operações”: telhados arrancados, árvores em queda, estradas bloqueadas, linhas eléctricas no chão, ribeiras a transbordar, rios em crescendo lento e depois súbito.

Em Leiria, no Lis e no Lena, a água e a lama não perguntam quem é o comandante. No Tejo, no Zêzere, no Mondego, no Douro e no Sado, a cheia não aparece como um incidente: aparece como um **sistema** — e um sistema convoca mais do que bombeiros. Convoca barragens, concessionárias, municípios, estradas, protecção de hospitais, subestações, comunicações e logística.

2) O “comando único” existe... até ao momento em que deixa de ser único

No terreno, há comando operacional. Há postos de comando, há coordenação, há prioridades. Mas a calamidade real não é um exercício de powerpoint: é uma maré de ocorrências

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Nesse instante, o mito do comando único estilhaça-se: as Forças Armadas actuam com cadeia própria, por razões óbvias de disciplina e responsabilidade, e articulam com a protecção civil. O cidadão, no meio da rua, vê camiões militares e pensa: “Agora há comando.” Mas o que existe é outra coisa: **coordenação entre cadeias**.

3) A cheia é também hidráulica: a água tem política, e as barragens têm tempo

Cheias são meteorologia, sim — mas também são engenharia e decisão. Uma barragem não é um muro: é um instrumento. E um instrumento precisa de ser tocado com precisão. No Zêzere, no Mondego e no Guadiana/Alqueva, as descargas — controladas, técnicas, necessárias — tornam-se, para quem vive a jusante, uma narrativa de medo. Um rio que sobe não parece “gestão”: parece destino.

E no Tejo há ainda um fantasma a montante: o carácter transfronteiriço. Caudais vindos de Espanha podem alterar, com rapidez, o “relógio” da cheia. E quando o relógio muda, a resposta pública precisa de ser clara — ou será julgada como tardia, mesmo quando tecnicamente correcta.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

de instituições. É a invisibilidade do “quem faz o quê”. Uma calamidade precisa de um rosto e de um mapa. Precisa de uma voz única, ainda que por trás existam várias cadeias. Precisa de dizer, sem floreios: **prioridade hoje é X; riscos são Y; acções em curso são Z; próxima actualização às HH:MM.**

Quando isso não acontece, o país não interpreta “complexidade”. Interpreta “desorganização”. E em Portugal, onde a confiança institucional já vem ferida de longos anos, a perceção pesa quase tanto como o facto.

5) Um modelo que se vê: o comando por bacia e o briefing de três vozes

Se o problema é de sistemas, a resposta deve ser sistémica: em cheias e tempestades, Portugal deveria funcionar por **bacias hidrográficas** (Tejo, Mondego, Douro, Sado, Guadiana), com briefings diários que juntem: **Protecção Civil (socorro), APA/gestão hidráulica e infra-estruturas críticas**. Três vozes. Uma mensagem. Um mapa.

E quando entram militares, o país deve saber, em linguagem simples, qual é a missão: desobstrução, logística,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Epílogo: o rio não discute leis, mas a sociedade discute legitimidade

A natureza não negocia. A água sobe quando tem de subir. O vento derruba quando tem de derrubar. A única coisa negociável é a qualidade da resposta humana.

E é por isso que a pergunta “onde está o comando único?” não é apenas técnica: é política. Porque, em democracia, comando sem transparência vira suspeita; coordenação sem clareza vira ruído; e ruído, em tempos de crise, vira medo.

Portugal precisa menos de mais siglas — e mais de um princípio simples: **quando o país entra em emergência, a autoridade deve ser visível, compreensível e responsável.** O resto — o resto é água.

Francisco Gonçalves

com coautoria editorial de **Augustus Veritas**

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)



[Ebooks](#)



[Carrossel](#)

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.